

Literatura Crônicas

Pellanda não escreve sobre passarinhos

O curitibano lança olhar afetuoso e irônico sobre seu lugar e sua gente

Ignácio de Loyola Brandão

Curitiba, cidade fria, gelada no inverno, na temperatura e nas relações, a ponto daquela jovem protestar, deprimida: “Aqui estou há anos sem conquistar um amigo. O que devo fazer para ser considerada uma verdadeira curitibana?”. Pellanda ouviu de Cristovão Tezza: “Um curitibano extrovertido é um maluco total”. Mas ele, cronista apaixonado pela cidade, vê de outra maneira: “Um esquizofrênico ouve vozes. O médium fala aos desencarnados. O papa despacha com Deus. E o curitibano vê árvores em Curitiba”.

O cronista mostra que a cidade é muito mais do que o “vampiro” Trevisan e nos conduz por suas ruas e praças. Da Catedral à Pracinha do Amor, à rua Ébano Pereira, à escada da Saldanha, à galeria Andrade, vemos os pombos da Generoso Marques, entramos na Panificadora Felix, circulamos pelo Passeio Público, vemos a sina-

goga Francisco Frischmann, atravessamos a região do Santo Andrada, frequentamos as baladas do Batel, compramos jornais na banca dos Santos Dumont. Ele é o escritor que tem olhar afetuoso e irônico sobre seu lugar e sua gente.

Sereias. Nascido em 1973, Luis Henrique Pellanda “já quis ser menino de rua só para nadar sem roupa entre as sereias de ferro da Osório. Também sonhou ser o peixe abraçado por uma das sereias”. Aquela é sua cidade, na qual ele anda, contempla, captura o urbano. O bêbado imundo que gritava: “Amor eu tenho, só preciso saber onde aplicar!”. O cronista perdeu o pedaço de uma frase, ficou com um mistério na cabeça. O que o palhaço queria dizer ao exclamar: “Vocês têm de fazer disto uma vida?”. Disto o quê? Enigmas do cotidiano. Nas ruas e praças, os personagens curitibanos: “A periguetete se fotografa e posta no insta-



O autor. Capturando o urbano e os enigmas do cotidiano



ASA DE SEREIA
Autor: Luis Henrique Pellanda
Editora: Arquipélago (208 págs., R\$ 35)

QUEM É

LUÍS H. PELLANDA

ESCRITOR

* Nascido em Curitiba em 1973, Pellanda é jornalista, foi subeditor e colunista do jornal literário 'Rascunho' e coeditor e cronista do site 'Vida Breve'. 'Asa de Sereia' é seu terceiro livro de conto/crônica.

gram. Búzios no tornozelo, chinelos de dedo, plataforma branca, Nosso Senhor do Bonfim no pulso, o que terá pedido?... Muitos brincos e anéis, tudo comprado dos bolivianos no calçadão. Shortinho jeans, sem camisa, o sutiã do biquíni amarelo quase vazio, tórax liso, coxas cheias. Óculos espelhados cobrindo meio rosto. A boca é bonita, será que já beijou?”. O olhar sente o paradoxo: “Acima de mim, os parasitas estrangu-

lam as árvores, mas é como se dormissem enquanto matam”.

Asa de Sereia (205 págs., editora Arquipélago, Porto Alegre, 2013), livro delicado, cruel, bem-humorado. “Duas moças sentadas no cafezinho, uma bonita, a outra feia. Pagam e saem, o garçom sussurra: É sempre assim, a melhor bunda na pior cara.” Há também o trágico: “Trinta anos após seu suicídio, as pessoas ainda ouvem o corpo do enforcado bater lugubrememente contra o tronco de uma figueira”.

Vou e volto por dentro do livro, nunca leio crônicas ou contos em sequência. O autor é só pro arejado, o cronista que, mordazmente, se confessa em débito com a tradição literária brasileira, uma vez que “ainda não escreveu uma crônica sobre passarinho”. As crônicas não precisam mais de passarinhos?

Aqui se faz uma panorâmica por Curitiba, pela vida, ao observar as meninas que conferem as tatuagens uma da outra; ao ouvir o homem consternado, expli-

cando o motivo de sua separação: “A Glória me deu um eutímato”; ao se atordoar por não encontrar o túmulo de um amigo em um cemitério (e quem encontra? Cemitérios são labirintos) fica feliz, é a certeza de que o amigo não morreu. Paralisado ouve o diálogo entre duas senhoras: “Teu marido? Como vai?”. A outra: “Faleceu”. “Jesus! Quando foi isso?” A outra, quase envergonhada: “Ontem”. Assim é a vida, encontros, pasmos, revelações que Pellanda capta como um Chekhov universalizando Curitiba.

Ele é o estilista: “O café de uma manhã que ainda não existe”. “São bonitas como aparentam ser quase todas as moças muito jovens aos homens de meia-idade”. “Os postes quiseram fazer bonito e foram se acendendo aos poucos.”

Há uma Curitiba real e outra imaginária, ele cultua fantasmas ainda não arquivados, retratando-os em suas crônicas. Crônicas imperdíveis, para serem li-

das lentamente, como um livro de horas. Para descobrir o que é a asa de sereia, conhecer Billy o pelicano de Curitiba ou a velha em viscoso de onça. Sem esquecer a tragédia do “crítico de gastronomia, acostumado a comer do bom e do melhor, contemplando, abismado e culpado, três mulheres miseráveis, esfo-meadas, violando sacos de lixo, bebendo restos de refrigerantes, e devorando pedaços de filés abandonados no prato ou pizza borrachentas, mordidas, mofadas, migalhas de salgadinhos”. Direto e cortante.

* IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO É ESCRITOR E CRONISTA DO CADERNO 2



NA WEB

Texto. Leia a crônica 'Rei de Curitiba'

estadao.com.br/e/trechopellanda

Literatura Poesia

Donizete Galvão, um espírito à flor da matéria

Morto na quinta-feira, aos 58 anos, vítima de um enfarte, poeta e jornalista mineiro deixou sete obras publicadas

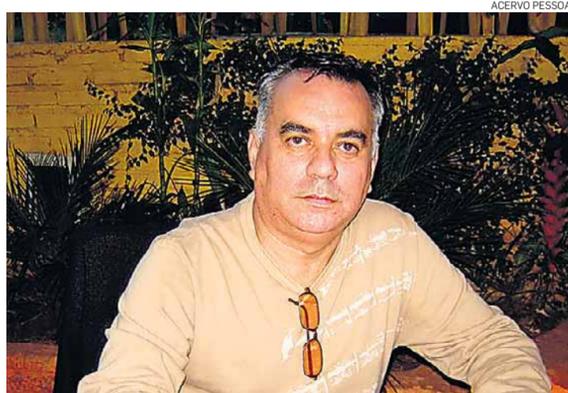
Mariana Ianeli

ESPECIAL PARA O ESTADO

Donizete Galvão estava em seu quinto livro quando o conheci em dezembro de 1999. Participávamos do ciclo de debates A Poética dos anos 70, 80 e o Final do Século no Centro Cultural Fiesp, na Avenida Paulista. Três noites, uma por semana, com poetas de diferentes gerações reunidos. Foi nessa ocasião que recebi seu então recém-lançado *Ruminações*, livrinho do tamanho da palma da mão, no qual descobri a densidade de uma poesia entre o carnal e o indefinível, com raízes agarradas à terra da roceira Minas Gerais, de Borda da Mata, onde a exuberância da natureza fez o espanto do poeta ainda menino. Em *Ruminações* descobri o gosto de Donizete pelos arcaísmos, todos com frescor e força de palavras cor-

póreas, tirando música de um carrear de bois na estrada como um Villa-Lobos da poesia. Além do curral da criação, onde o poeta ruma o sentimento do tempo, o curral das cidades com suas muralhas, seus homens carapaças e seus anônimos exilados ou excluídos.

Entre as fontes dessa poesia de paisagens cantadas, estão outras artes e paisagens, aquelas que transcendem a palavra ou o que nela é apenas ruído. Se há gritos nos poemas, e os há, são os debulhados em sangue, como o do porco no chouriço. Mas há, sobretudo, silêncio, esse silêncio de onde o poeta foi colhendo suas palavras antes mesmo de *Ruminações*. Aí repousa o que é secreto, o que deve vir à tona numa voz contida, a exemplo dos versos de Orídes Fontela que Donizete homenageou em sua poesia. O coração das coisas, o miolo,



Alquimista. Poesia feita de “paisagem, gentes e bichos”

a polpa, a pérola, a gema escondida, isso Donizete buscava em retalhos, dejetos, escombros, rompendo a couraça antihumana dos estetas. E o buscava, a esse coração, em restos de homens e de afetos, em rochas, em ruínas de cidades, no

mundo mudo dos enfeitados, de onde fazia aflorar “um grão / um broto / um grito”.

Assim sua poesia encarnou uma “paisagem semeada de frutos, gentes e bichos”, permeável a todos os sentidos, nunca negando a realidade bruta, tam-

pouco se bastando nela. Donizete sabia, sempre soube, que “não bastam as sementes, / a terra, a chuva, o suor do homem, / é preciso haver um sopro sagrado”. É preciso penetrar as coisas, habitá-las, deixar que o estreme de vaca para o adubo se entranhe nas unhas, assim as rosas têm mais perfume. É preciso habitar com olhos atentos a vida minúscula da putinha de São João del Rey, do mendigo Ulisses, dos homens transparentes, dos que vivem à margem em seu anonimato, e soprar neles espírito, até que revivam, agora no cerne do poema, em seus ossos, carne e sonhos. Vem da “primazia do olho” a transfiguração dos mitos na poesia de Donizete, seus maravilhosos elogios a artistas plásticos, o aflorar da palavra necessária numa atenção enraizada em sentimento.

Em pleno ato de uma dessas alquimias, vi o poeta, pela última vez, lendo *Para Evgen Baccar* na cerimônia do Prêmio Portugal Telecom 2011, do qual *O Homem Inacabado*, seu décimo e derradeiro livro, foi finalista. Foi rogando ao anjo com estes versos que Donizete se despediu de nós: “Que o anjo distraído de Klee / guarde aqueles colhidos na engrenagem / produtora de ruínas”.

* MARIANA IANELI É POETA, AUTORA DE *O AMOR E DEPOIS* (ILUMINURAS), ENTRE OUTROS



NA WEB

Poemas. Leia alguns textos do poeta mineiro

estadao.com.br/e/trechosgalvao

Babel | Maria Fernanda Rodrigues MARIAF.RODRIGUES@ESTADAO.COM

INFANTIL

O fino traço da belga Gabrielle Vincent no Oscar e em livro

Um dos cinco concorrentes ao Oscar de melhor animação – o vencedor será conhecido em 2 de março – é *Ernest & Célestine*, baseado na série infantil da escritora e ilustradora belga Gabrielle Vincent (1928-2000). Entre 1981 e 2003, foram publicados quase 30 títulos que retratam a inesperada e incompreendida amizade entre Ernest, um urso e palhaço de rua, e Cé-

lestine, uma ratinha ilustradora. Dois volumes da coleção foram lançados aqui em 2009 pela Salamandra: *Músicos de Rua* e *Ernest e Célestine Perderam o Simão*. Este ano, a editora 34 lança um terceiro título: *O Nascimento de Célestine* (ilustração ao lado; veja no Blog Babel a imagem correspondente do filme e o trailer). Foi a 34 que descobriu o trabalho de Vincent e publicou *A Pequena Marionete* (2007) e *Um Dia, Um Cão* (2013).

REPRODUÇÃO

JUVENIL

De cavalos e borboletas

A WMF Martins Fontes gostou tanto do resultado de *Quem é você, Alasca?*, livro de John Green que vendeu mais de 100 mil exemplares desde 2010, que vai continuar investindo no gênero juvenil. Ela publica, em maio, *O Leão Borboleta*, do inglês Michael Morpurgo – é dele, também, *Cavalo de Guerra*, obra adaptada para o cinema por Steven Spielberg e indicada para o Oscar de 2012.

No novo livro, Bertie resgata um filhote órfão de leão branco da savana africana. Eles permanecem inseparáveis até que o garoto vai para um colégio interno na Inglaterra e o leão é vendido para um circo. Resta a promessa de um reencontro.

CINEMA

Carona com o filme

Por falar em cinema, a Planeta prepara nova edição de *O Único Sobrevivente*, do soldado Marcus Luttrell, único de sua equipe a voltar da guerra do Afeganistão, e de Patrick Robinson. Isso porque estreia em 21 de março o filme *O Grande Herói*, baseado nele. Lançada em 2008 e esgotada, a obra terá o pôster do filme como capa.

Outro livro que inspirou filme e que está chegando às livrarias é *12 Anos de Escravidão*, de Solomon Northup, pela Seoman.

E na esteira da estreia de *Academia de Vampiros* em março, a Nova Fronteira relança o 1.º título da série de Richelle Mead com capa que remete ao filme.

REVISTA

A nova 'Polichinello'

Será lançada no dia 27 de fevereiro, na Casa das Rosas, a 15.ª edição da revista literária *Polichinello*, que terá como tema Poéticas da Transgressão. Há traduções inéditas de textos de Georges Bataille, Jean-Luc Nancy, Walter Benjamin e Giorgio Agamben, além de trabalhos de, entre outros, Roberto Piva, Claudio Willer, Contador Borges e Elida Lima.

E-BOOK

15 anos de crítica

O escritor Ricardo Lísias lança, pela E-Galáxia, na primeira quinzena de fevereiro, o e-book *Album de Crítica*, com as resenhas e ensaios literários que produziu nos últimos 15 anos.

LUKE MACGREGOR/REUTERS



ROMANCE

A estreia do enfermeiro

A Rocco estava começando a distribuir *Onde a Lua Não Está* para as livrarias quando o livro de estreia de Nathan Filer, enfermeiro de saúde mental, ganhou, na 3.ª, o prêmio britânico Costa. A obra, já à venda em e-book, fala sobre dois irmãos que saem numa noite, mas só um volta. Assombrado pela morte do irmão com Síndrome de Down, Matthew, 19, à beira de uma esquizofrenia, busca respostas.

blogs.estadao.com.br/babel